

O PROÁLCOOL E O REARRANJO DO ESPAÇO AGRÁRIO DA ALTA SOROCABANA DE PRESIDENTE PRUDENTE¹

Ana Victória Vieira Martins Monteiro²
José Jorge Gebara³

1 - INTRODUÇÃO

No contexto de criação do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL) foram implementadas políticas que resultaram em um rearranjo econômico-social nas áreas canavieiras. No Estado de São Paulo, as alterações atingiram de forma significativa não só as antigas áreas canavieiras, como também as áreas onde novas destilarias foram implantadas.

Na Alta Sorocabana foram os proprietários de terras que passaram a desenvolver a nova atividade agroindustrial da região.

Para compreender as mudanças ocorridas no espaço agrário desta região, considera-se que o capitalismo industrial ao separar a agricultura da indústria não pôde libertar a segunda da dependência que tem com relação à primeira, pois a agricultura é fonte de matéria-prima para a agroindústria. Neste processo de subordinação, na produção alcooleira ocorre a sujeição da produção agrícola às necessidades da indústria.

No processo de circulação de mercadorias do setor sucro-alcooleiro, a circulação fica subordinada à produção, pois há um processo de monopólio na produção. Esse monopólio é entendido pela unificação do capitalista e proprietário de terra em uma única pessoa.

Este processo de unificação se dá basicamente de duas formas; o capitalista através da expropriação de pequenos produtores, arrendatários e meeiros torna-se proprietário de terras ou o proprietário de terras se transforma em capitalista agroindustrial.

Para entender este processo, OLIVEIRA (1988)⁴ coloca a questão da seguinte forma: *"A industrialização da agricultura também desigual no campo brasileiro, revela que o capitalismo também está contraditoriamente unificando o que ele separou no início do seu desenvolvimento: indústria e agricultura. Esta unificação está sendo possível porque o capitalista se tornou também proprietário das terras, latifundiário portanto"*. No caso da Alta Sorocabana, foram os proprietários de terra os reponsáveis por esta unificação, que deve ser entendida no contexto do PROÁLCOOL. Este processo revela a territorialização do capital, ou seja, a apropriação e arranjo do território de acordo com suas necessidades. As mudanças econômico-sociais serão fruto dos arranjos articulados pelo capital.

Como é nos setores mais rentáveis, em que a modernização tecnológica se dá de forma mais marcante, o processo de modernização na agricultura se apresenta desigual⁵, pois se concretiza com o fim de atender aos interesses dos empresários rurais, das empresas comerciais e industriais ligadas ao setor.

É importante ressaltar que as atividades agrícolas na Alta Sorocabana estão ligadas às características de sua estrutura agrária latifundiária, onde predomina a pecuária extensiva sobre a agricultura, sendo que é fundamental nesta última, a presença das culturas anuais.

MELLO (1973)⁶ mostrou o processo de concentração progressiva da propriedade fundiária na região, com o aumento da área ocupada pelas grandes propriedades e a predominância da pecuária extensiva na economia rural da região.

¹Trabalho integrante do projeto SPTC 16-007/96. Parte das reflexões contidas neste artigo foram desenvolvidas na Dissertação de Mestrado do primeiro autor: "O Processo de Reprodução Capitalista na Agricultura da Alta Sorocabana: a implantação de destilarias e a mudança das relações de trabalho".

²Geógrafa, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, Dr., Professor do Departamento de Economia Rural - UNESP - Campus de Jaboticabal.

⁴Oliveira, Ariovaldo U. O campo brasileiro no final dos anos oitenta. *Boletim Paulista de Geografia*, SP, n.66, p.5-22, jan. 1988.

⁵Oliveira, Ariovaldo U. Agricultura e indústria no Brasil. *Boletim Paulista de Geografia*, SP, n.58, p.5-59, set. 1981.

⁶Mello, Maria C.D'I. O bóia-fria na Alta Sorocabana. Presidente Prudente: UNESP/FFCL, 1973. 193p. Tese de Doutorado.

2 - METODOLOGIA

Com o pressuposto de que a implantação de agroindústrias alcooleiras geraram um novo arranjo no processo de produção agroindustrial na Alta Sorocabana, pois inseriram, através de sua instalação, mudanças nas relações de produção agropecuária, e com o objetivo de compreender o processo responsável por estas alterações é que este trabalho se realizou.

Para obtenção dos dados sobre os quais é efetuada a análise foram elaboradas entrevistas, buscando-se as informações qualitativas necessárias, e sobre as quais se montou a interpretação do processo ocorrido na região, tanto no que se refere à instalação das destilarias, quanto à nova forma de organização da produção agrícola que se estabeleceu.

3 - O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO NOVO ESPAÇO AGRÁRIO

Na área em estudo, foram instaladas seis destilarias autônomas; a primeira a se instalar, no município de Teodoro Sampaio, foi a Destilaria Alcídia, em 1974, antes mesmo de ser implantado o PROÁLCOOL. Em 1979, foi implantada a Destilaria de Álcool Vale do Anastácio-Dalva no município de Santo Anastácio; a Destilaria de Álcool Caiuá-Decasa foi implantada em 1980 e se localiza no município de Caiuá; a Destilaria Laranja-Doce, de 1981, no município de Regente Feijó; a Destilaria Alta Floresta, de 1982, no município de Caiabú e a Destilaria Bela Vista, do mesmo ano, foi instalada no município de Nandiba (Figura 1).

A instalação destas destilarias na região se deu basicamente devido ao direcionamento realizado pelo Estado, sendo fundamental como agente o Banco do Brasil.

Para analisar a origem das destilarias autônomas da região do Vale do Paranapanema, FERREIRA (1988)⁷ classifica-as segundo a composição do capital da empresa, origem do capital e caracterização do empresariado. No referido trabalho, as destilarias da Alta Sorocabana são classificadas da seguinte forma:

- I - Empresário Local - Bela Vista;
- II - Associação Regional de Capitais - Laranja-Doce, Dalva e Decasa;
- III - Empresários de outras regiões ligados a grupos canavieiros - Alta Floresta e Alcídia.

Para aprofundar a análise, levou-se em consideração a origem desses empresários, classificando-os como proprietários de terra que se tornam capitalistas ou como capitalistas-proprietários que passam a investir no setor agroindustrial canavieiro. Na região, no primeiro grupo estariam os empresários das destilarias Dalva (pecuaristas), Laranja-Doce (Agricultor) e Bela Vista (pecuarista); no segundo grupo, os empresários das destilarias Alcídia (pecuaristas ligados a outras atividades econômicas), Decasa (pecuaristas proprietários de empresas prestadoras de serviços) e Alta Floresta (proprietários de destilarias em outras regiões).

O grupo que implantou a Destilaria Alcídia, no município de Teodoro Sampaio, é formado basicamente por grandes proprietários pecuaristas, entre eles um ex-deputado, um diretor de usina e um ex-diretor da Ultragaz⁸. Este grupo mantinha convivência política com pessoas que lutavam para a aprovação do PROÁLCOOL.

O interesse em instalar a destilaria se confirma com o fato de sua implantação se dar em novembro de 1975, imediatamente após a criação do PROÁLCOOL, sendo a primeira destilaria do Estado de São Paulo a ser aprovada após o PNA e única neste mesmo ano. Já existia por parte do grupo preocupação em relação aos conflitos por terra presentes na região, onde muitas propriedades eram anteriormente devolutas e foram griladas.

Devido fundamentalmente ao processo histórico de ocupação da área da Alta Sorocabana e à expropriação vivida pelos pequenos proprietários e arrendatários da região, surgiram movimentos de luta pela terra.

Com a concentração destes movimentos no município de Teodoro Sampaio, a implantação da Destilaria Alcídia trouxe a seus proprietários uma segurança quanto ao reconhecimento garantido da posse das terras.

As Destilarias Dalva, de Santo Anastácio, e Decasa, de Caiuá, organizaram-se através da atuação do Estado, sendo o Banco do Brasil

⁷Ferreira, Eneas R. A expansão da canavicultura no Vale do Paranapanema - SP (1975-1988). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9. Florianópolis, 04-08 dez. 1988. p.143-160.

⁸O ex-deputado é o Sr. Ruyter Silva, o Sr. Cícero J. Franco é diretor da Usina Vale do Rosário em Morro Agudo (SP) e o Sr. Lamartine Navarro Jr., o ex-diretor da Ultragaz.

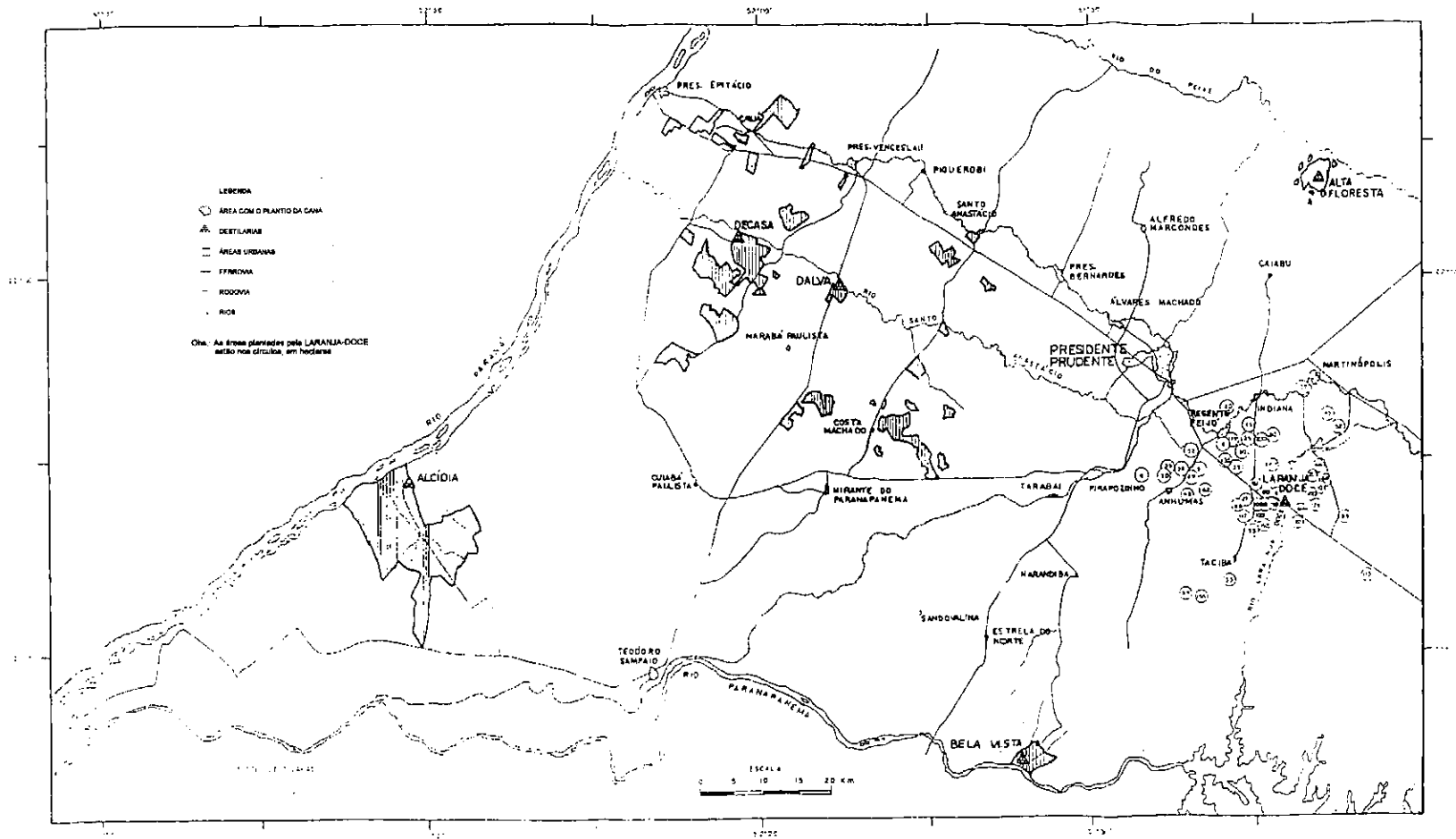


Figura 1 - Áreas Ocupadas com o Plantio da Cana, Região da Alta Sorocabana, 1985.

responsável pelas primeiras reuniões dos futuros proprietários das destilarias em 1979. Proprietários rurais de diversos municípios vizinhos participaram do processo que deu origem ao projeto da Destilaria de Álcool Vale do Anastácio S/A, contando com vinte e três acionistas, o projeto foi aprovado pela Comissão Executiva Nacional do Álcool (CENAL) em 1980. O número de acionistas se reduziu para seis.

Dentre os participantes deste processo, alguns proprietários de terras de Presidente Venceslau, que possuíam uma empresa de planejamento agrícola e tinham experiência na elaboração de projetos agrícolas de cana-de-açúcar para destilarias (entre elas a Alcídia), montaram outra destilaria, a Destilaria de Álcool Caiuá S.A. O projeto foi aprovado pela CENAL em 1981, a princípio o número de sócios era de vinte e dois, se reduzindo para onze.

A Destilaria Laranja-Doce S/A, que se localiza no município de Regente Feijó, teve seu projeto aprovado pela CENAL em 1980, sendo que o grupo que a implantou era formado por oitenta e uma pessoas, interessadas no bom investimento, pois o financiamento era muito significativo com juros irrisórios. Convém ressaltar que a maioria dos acionistas desta destilaria até então tinha como atividade fundamental a agricultura, e não a pecuária, como a grande maioria dos acionistas das outras agroindústrias alcooleiras instaladas na região.

O grande número de pessoas que se reuniram para formar esta empresa se justifica pela necessidade de cumprir as exigências do PROÁLCOOL, a cobrança de garantias materiais do empréstimo concedido. O grupo se firmou sendo depois composto por dezoito acionistas, proprietários rurais, cuja área média em propriedade rural varia de 15 a 250ha, ou seja, este grupo foi formado por pequenos proprietários, que não tinham capital suficiente para continuar aplicando na destilaria.

O grupo responsável pela implantação da Destilaria Alta Floresta, que teve sua aprovação em 1981, já investia no setor, sendo acionistas da Destilaria Alto Alegre S/A (município de Colorado - PR) e, em 1983, implantou outra destilaria, a Alta Mogiana em São Joaquim da Barra (SP). O investimento nesta pequena destilaria, no município de Caiabú, deu-se porque o grupo já investia no setor e buscava valorizar a propriedade que possuía, ocupada pela criação extensiva de gado. O grupo é formado desde o princípio por quatro acionista.

A Destilaria Bela Vista, localizada no município de Narandiba, na fazenda Laranjeiras, teve seu projeto aprovado em 1981. A fazenda, onde a destilaria foi instalada, era propriedade de um pecuarista tradicional da região de Presidente Prudente, que investiu no setor alcooleiro, devido aos incentivos advindos do PROÁLCOOL.

Em 1987, a fazenda Laranjeiras foi comprada pelo grupo Bordon⁹ para a criação de gado, sendo também a destilaria negociada, o grupo continuou a produção de álcool.

O PROÁLCOOL previa um financiamento de até 90% do valor de cada destilaria e um financiamento de 100% da safra de cana e o restante do capital necessário teve origem na venda do gado por parte dos acionistas da Alcídia e Bela Vista: no caso das Destilarias Dalva e Decasa, além da venda do gado, ocorreu ainda venda de propriedades rurais. Na Laranja-Doce houve aplicações de capital obtido na agricultura (algodão e café), além da venda de propriedades urbanas e gado. A Destilaria Alta Floresta teve aplicação de capital unicamente advindo de outra destilaria pertencente ao grupo.

A partir da implantação das destilarias, os empresários reinvestiram capital nas próprias indústrias a título de expansão de capitais e/ou para ampliar a capacidade de produção. No final dos anos 80 e início dos 90, apresentou-se de forma marcante uma tendência geral de aplicações na pecuária pelos sócios individualmente ou através da empresa. Alguns destes grupos confinam gado utilizando a ração feita com bagaço da cana-de-açúcar. A Alcídia, em meados de 1989, já tinha seis mil e quinhentas cabeças de gado confinado, sendo rebanhos próprios e de outros pecuaristas para o processo de engorda; a Decasa, trinta mil cabeças de gado em uma área de 16.200ha de sua propriedade, e a Alta Floresta usa o bagaço para confinamento de gado de corte e de leite.

A Destilaria Laranja-Doce, já neste período, direcionava a aplicação de capital para a lavoura, em caso de queda do preço do álcool.

O mercado de terras sempre se apresentou como uma alternativa para os investidores sócios da Dalva e Alcídia com a intenção de

⁹ O grupo Bordon tem um Frigorífico instalado na região, no município de Presidente Prudente, o principal acionista do grupo à época de aquisição da destilaria era o Sr. Geraldo Moacir Bordon.

uso para pecuária extensiva (Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul).

A compra de terras na região para ampliar a produção da cana-de-açúcar para as destilarias foi realizada por sócios da Dalva e Decasa. Este segundo grupo, possuindo ainda uma empresa de prestação de serviços, uma construtora, pôde direcionar parte do capital obtido na agroindústria para esta. Estes dados nos apontam a direção seguida por estes proprietários-capitalistas de continuar concentrando a propriedade da terra, poucas vezes ligada ao aumento da produção ou também ao fornecer a ração para engorda, viabilizam tecnologicamente a criação extensiva do gado, proporcionando o confinamento no momento em que a venda se fizer necessária. As opções de investimento apontadas indicam as atitudes destes empresários nos momentos de crise do PROÁLCOOL.

Para melhor entender a implantação das destilarias na Alta Sorocabana convém analisar ainda mais alguns fatores, como os incentivos do PROÁLCOOL, que fizeram com que estes grupos implantassem as destilarias na Alta Sorocabana. Estes incentivos iam desde o financiamento de até 90% das instalações industriais, de 100% da safra de cana, até um período de carência, que apresentava variação de uma destilaria para outra, com taxa de correção bastante baixa se comparadas com os índices inflacionários do período.

Na realidade, a valorização dos equipamentos, o valor real do produto final e o insignificante pagamento dos empréstimos fazem com que as destilarias implantadas possam ser entendidas como uma "doação estratégica" do Estado aos empresários do setor. Isto só ocorreu porque a implantação das novas destilarias oriundas do PROÁLCOOL representam um apoio necessário aos grupos das antigas áreas canavieiras.

Deve-se levar ainda em consideração, que no caso das destilarias da Alta Sorocabana, a matéria-prima é também produzida pelos mesmos acionistas da destilaria. Assim, os proprietários das destilarias, enquanto produtores de cana, podem aprimorar o processo de produção de diversas formas, como, por exemplo, diminuindo o espaçamento entre as "ruas", aumentando seus ganhos também na produção agrícola.

Na Alta Sorocabana o que ocorre é a concentração da produção agrícola e industrial nas mãos do mesmo grupo, o que traz como

consequência uma concentração maior da renda e da propriedade fundiária.

A produção de matéria-prima para as destilarias da Alta Sorocabana foi organizada por empresas agropecuárias. Nestas empresas, os sócios são os mesmos acionistas das destilarias.

Estas empresas além de cuidar da produção da cana-de-açúcar na maioria dos casos, ainda têm a responsabilidade pelo corte de cana nos arrendamentos e nas terras próprias referentes às cotas que devem ser entregues pelos sócios das destilarias, ficando também totalmente responsáveis pela organização da mão-de-obra.

A Alcídia se organizou para que o fornecimento da matéria-prima fosse realizado pela Pontal Agropecuária S/A. Além do fornecimento de cana dos sócios cotistas, essa destilaria também possui áreas destinadas ao cultivo da matéria-prima, contando com apenas um fornecedor não cotista.

A Destilaria Decasa fez opção por não produzir cana nem arrendar terras em seu nome, a produção de toda a matéria-prima ficou entregue à Cooperativa dos Plantadores de Cana da região de Presidente Venceslau (COOPLAV), que além de produzir a cana, ficou também responsável pela entrega da cana plantada pelos cotistas fornecedores.

A Agropecuária Sapesal S/A, ligada à Destilaria Dalva, ficou responsável por parte da produção agrícola e presta serviços nas áreas de plantio de propriedade da destilaria e dos cotistas fornecedores.

No caso da Destilaria Laranja-Doce, a Agropecuária Caiana Ltda., além de produzir cana em área própria e arrendada, ficou encarregada pela administração das áreas plantadas pelos cotistas fornecedores.

A Destilaria Alta Floresta também se organizou tendo uma empresa agropecuária responsável pela produção nas terras dos cotistas fornecedores e por toda a produção da empresa agropecuária entregue à destilaria, esta produção é realizada em terras arrendadas.

A Destilaria Bela Vista tem como único fornecedor a Agropecuária Beira D'Água Ltda., que planta em terras próprias.

São as empresas agropecuárias, então, as responsáveis pela produção de matéria-prima e arregimentação da mão-de-obra para o trabalho agrícola na maioria das vezes.

Quase não há fornecedores não-sócios das destilarias; este fato faz com que a produção

das agropecuárias e dos fornecedores cotistas represente os ganhos na produção agrícola nas mãos dos agroindustriais, que são as mesmas pessoas.

A organização de empresas agropecuárias para produção de cana se deu devido à menor tributação de IR cobrada na atividade agrícola não efetuada pela destilaria, eram então formadas as empresas agrícolas que, sendo outra pessoa jurídica, representava menor gasto com impostos. Com o fim dessa diferenciação de tributação para produção agrícola das destilarias e das empresas agropecuárias, a continuidade das atividades das empresas agropecuárias, trabalhando para as destilarias, passou a se justificar pela infra-estrutura já montada que se relaciona com a responsabilidade em seguir e repassar aos cotistas os avanços tecnológicos, além de organizar a maior parte da mão-de-obra e negociar com esta quando necessário, isentando a destilaria e os cotistas fornecedores individualmente do gerenciamento da produção e das relações com a mão-de-obra.

Na Alta Sorocabana, o plantio da cana para produção de álcool, em termos de avanço tecnológico, trouxe aos investidores do setor maior necessidade de utilizar curvas de nível, de ter agrônomos permanentemente cuidando da produção e principalmente de mecanização intensa. Essa mecanização se deu pela necessidade de produção em grande escala para abastecer as destilarias, o uso mais intenso de tratores para o plantio e tratamentos culturais, carregadeiras para colocar a cana nos caminhões e estes para transportá-la até a destilaria.

O fato de os próprios grupos de proprietários das destilarias serem os responsáveis por todo o processo de produção, desde a escolha da variedade, plantio da matéria-prima até a entrega do produto final, o álcool, faz com que haja a sujeição da terra pelo capital industrial de maneira direta.

Assim, esta sujeição direta com o uso de mecanização intensa, que ocorre em áreas dispersas da Alta Sorocabana torna-se marcante na região, onde quatorze municípios têm cana plantada para o abastecimento das destilarias.

Convém ressaltar aqui ainda a importância que assumem os arrendamentos para a produção de cana, pois 46,3% da produção é realizada em áreas arrendadas.

Ao entender aqui as relações entre a produção agrícola e industrial, depara-se com

uma separação formal do processo produtivo. Na verdade, a separação formal entre agricultura e indústria é resultado da necessidade de independência da segunda em relação aos riscos e incertezas aos quais a primeira está sujeita.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o PROÁLCOOL houve um rearranjo no espaço agrário da Alta Sorocabana, muitos proprietários rurais da região, que possuíam áreas mais extensas, se beneficiaram com este programa, em busca de maiores ganhos, passaram a aliar a prática de criação extensiva e concentração de terras à empresa agrícola.

O processo de implantação das destilarias na região e o pequeno papel que estas representam no contexto da produção estadual são significativos para demonstrar as diferenciações regionais, porém, são ainda capazes de mostrar a forma como o avanço tecnológico e as novas formas de organizar a produção se instalam em regiões cuja produção agropecuária tem se modernizado lentamente. Neste processo, outra racionalidade passa a se instalar, trazendo consigo significativas mudanças no processo produtivo. Há ainda outras alterações, relativas às relações de trabalho no campo, esse tema deve ser discutido oportunamente, mas a indicação dessas alterações é fundamental para dimensionar a importância do processo de rearranjo do espaço agrário da região.

O avanço do capitalismo na agricultura e a substituição do latifúndio tradicional pela empresa capitalizada trouxeram consigo o rearranjo do espaço agrário e ainda o trabalho assalariado temporário.